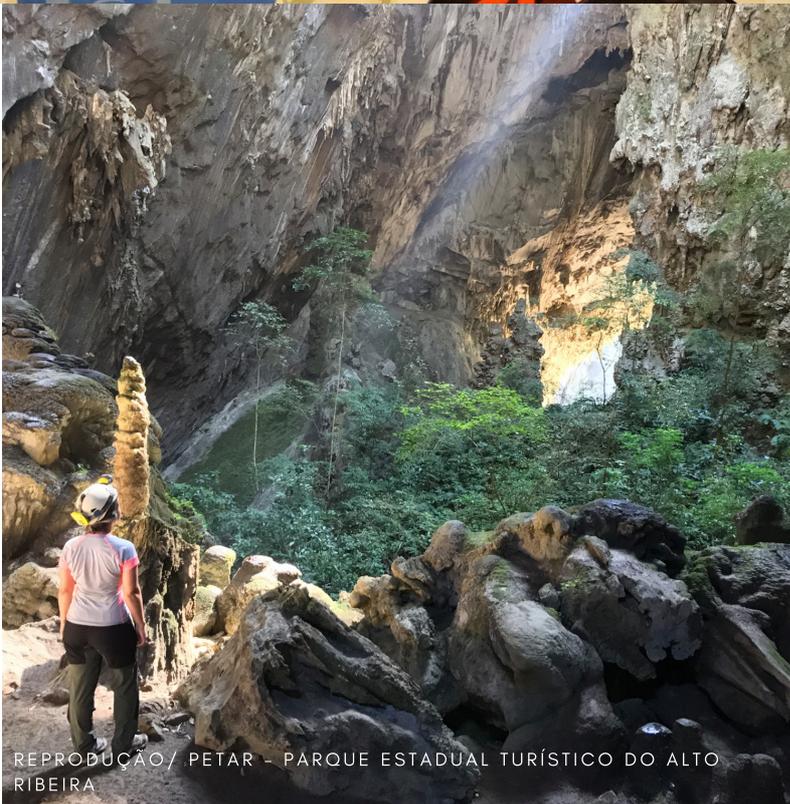


BOLETIM LECAMP

Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza



LECAMPO
FORTALECENDO A LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE

Índice

Boletim Lecampo | Número 4 | Junho 2022

OPINIÃO

03

EDITORIAL

04

SORRIA, VOCÊ ESTÁ
SENDO MANIPULADO!

07

A CONTRIBUIÇÃO DA
EXPERIÊNCIA
SOCIALISTA SOVIÉTICA
PARA A CIÊNCIA E A
TECNOLOGIA

12

AS MULHERES E A
REVOLUÇÃO RUSSA DE
1917

15

COMO FUNCIONAM
AS VACINAS CONTRA
A COVID-19?

ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO

18

PROPOSTAS DE PLANO DE
AULA PLANEJADAS POR
ESTUDANTES DA LECAMPO

TERRITÓRIOS, LUTAS E RESISTÊNCIAS

22

MINI RADIOGRAFIA
DE BATUVA

EDUCAÇÃO DO CAMPO EM PAUTA

24

BCN-FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
IMPOSIÇÕES, DESAFIOS E ANTAGONISMOS
FRENTE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Expediente

O Boletim Lecampo é uma publicação eletrônica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza (Lecampo) da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

Coordenação geral: Núcleo de Comunicação Popular (NCP) da Lecampo.
Equipe de educadores e educadoras: Adalberto Penha de Paula, Ândrea Francine Batista, Etienne Cesar Rosa Vaccarelli, Gilberto da Silva Guizelin, Júlio César David Ferreira, Viviane Camejo Pereira.

Projeto gráfico e diagramação deste número: Catherine Grein Plothow, acadêmica do curso de Jornalismo UFPR, aluna voluntária.

Revisão deste número: Isabela Simm Stanga, acadêmica do curso de Jornalismo UFPR, aluna voluntária e Felipe Reis, acadêmico do curso de Jornalismo UFPR, aluno voluntário

Contato: ncplecampoufpr@gmail.com



Editorial

Estamos vivendo uma conjuntura nacional e internacional bastante complexa. A Guerra na Ucrânia tem despertado olhares para o Oriente, para o legado da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a curiosidade dos ocidentais sobre os países eslavos. Afinal, porque os meios de comunicação fazem parecer que o Oriente seria uma ameaça ao mundo ocidental?

Nesta 4ª Edição do Boletim Lecampo trazemos aos leitores e leitoras três textos na Coluna Opinião que nos fazem entender um pouco mais sobre a importância da URSS (extinta em 1991) para o desenvolvimento mundial da ciência e tecnologia e a valorização das mulheres. Vale lembrar que países como Rússia, Ucrânia, entre outros, fizeram parte da URSS. Os textos são: **Sorria, você está sendo manipulado!**, de autoria do Prof. Lauro Allan Almeida Duvoisin; **A contribuição da experiência socialista soviética para a ciência e a tecnologia**, de autoria da Profª. Ândrea Francine Batista; e **As Mulheres e a Revolução Russa de 1917**, de autoria de Rebecca de Oliveira Freitas, doutoranda em História. Também faz parte da Coluna Opinião o texto Como funcionam as vacinas contra a Covid-19? Adultos e crianças vacinados protegem a si mesmos e também aos outros, em que a estudante de jornalismo Isabela Stanga entrevista

profissionais da área da saúde sobre a importância das vacinas.

Na coluna Ensino-Pesquisa-Extensão temos o texto **Propostas de Plano de Aula planejadas por Estudantes da Lecampo**, em que o prof. Gilberto da Silva Guizelin e o estudante Jonas Joaquim Ursulino apresentam um plano de aula com o tema “O legado científico e tecnológico dos africanos e afro-brasileiros desenvolvido no âmbito do módulo Interações Culturais e Humanísticas (ICH)”.

Na coluna Territórios, Lutas e Resistências temos a **Carta aberta aos candidatos a governador do estado de São Paulo contra a concessão do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)**, produzida pela Turma Chico Mendes da Lecampo.

E, por fim, na Coluna Educação do Campo em Pauta, temos o texto **BCN-formação de professores: imposições, desafios e antagonismos frente à Educação do Campo**, produzido por Etienne Cesar Rosa Vaccarelli, Coordenadora Acadêmica do Setor Litoral da UFPR e pelo professor da Lecampo Adalberto Penha de Paula.

Desejamos boa leitura a todos e todas!

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO MANIPULADO!

LAURO ALLAN ALMEIDA DUVOISIN
DOUTOR EM CIÊNCIA POLÍTICA. PROFESSOR NA
UNESPAR PARANAGUÁ

Há alguns dias, durante uma conversa com um jovem estudante, ao saber que eu era professor de História, ele puxou conversa comentando: “É essa guerra, hein? Que horror, né?”. Eu apenas respondi: “É... Infelizmente, é apenas mais uma guerra”. Só depois parei para pensar que talvez ele não tivesse entendido meu comentário.

Eu não poderia ter outra resposta. Afinal, como professor eu não me lembro de alguém perguntando-me sobre os horrores da guerra no Afeganistão (2001-2021), quando os Estados Unidos bombardearam um país subdesenvolvido, com uma população semitribal, localizado num lugar distante da Ásia; nem de alguém condenando os ataques a escolas, hospitais e mesquitas no Iraque, país que os Estados Unidos invadiram contra a vontade da ONU com uma justificativa que depois se mostrou uma farsa, para derrubar Saddam Hussein, um ditador que era antigo aliado dos norte-americanos; nem de alguém coletando donativos para ajudar os refugiados da Líbia quando os Estados Unidos apoiaram uma guerra civil contra o governo nacionalista de Muammar Kadafi, deixando em ruínas um país até então próspero e com desenvolvimento autônomo encravado no norte da África.

As guerras contemporâneas são conflitos que vão além do campo militar: são guerras econômicas, políticas e também guerras de informações. A primeira coisa que os meios de comunicação nos fazem esquecer é que as guerras não são eventos incomuns ou excepcionais. Para os que assistem à guerra na Ucrânia pela TV, a impressão é que esta é a pior, a mais destrutiva e a mais importante das guerras. Fala-se de uma nação inocente agredida por um ditador russo sanguinário. Com isso, somos levados a acreditar que antes disso o mundo era um lugar melhor. Nada mais distante da verdade. Só nessas duas décadas do século 21, tivemos uma



coleção de guerras, como por exemplo no Afeganistão (2001-2021), Iraque (2003-2011), Líbia (2011), Síria (2011 - em andamento) e Iêmen (2014 - em andamento), sem contar o permanente massacre de Israel contra os palestinos que já dura mais de meio século. Ou seja, a guerra na Ucrânia não é a pior, nem a mais violenta, nem a mais duradoura.

O que então esta guerra tem de particular? Em primeiro lugar, é uma guerra onde a principal potência envolvida, excepcionalmente, não é os Estados Unidos. Em segundo lugar, é uma guerra que se passa em território europeu. Daí tantos apelos humanitários que este conflito provoca no chamado mundo “ocidental”. Mas o que produziu este conflito? Há diversas razões. Uma delas é que a política externa norte-americana e dos países da Europa ocidental desde o colapso da União Soviética (1991) é cercar militarmente a Rússia e a isolar do sistema internacional. Na verdade, o tratamento dado à Rússia é em parte uma continuidade da Guerra Fria. Não é à toa que a aliança militar ocidental criada em 1949, chamada Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), continua se expandindo, como pode ser visto no mapa seguinte.

Por fim, vale observar que há um forte conteúdo racista na propaganda midiática sobre esta guerra. O tempo todo a mídia reforça o imaginária de que esta é uma agressão de um oriente autoritário, violento e bárbaro contra um ocidente democrático, pacífico e civilizado. Em especial, a propaganda de difamação contra a principal liderança nacional russa, o presidente Vladimir Putin, segue esse mesmo roteiro. Enquanto isso, Volodymyr Zelensky é apresentado como herói, uma figura caricata que de um dia para o outro deixou de ser humorista para se tornar presidente da Ucrânia.

Sorria, você está sendo manipulado!

Referências

ÓPERA MUNDI. **Após Donetsk, ativistas pró-Rússia proclamam independência em Carcóvia**. Política e Economia. 7 de abril de 2014. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/34722/apos-donetsk-ativistas-pro-russia-proclamam-independencia-em-carcovia> Acesso em: 10 mai. 2022.

PODER 360. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/02/ot-an-ucrania-viadw.png> Acesso em: 10 mai. 2022.





A CONTRIBUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA SOCIALISTA SOVIÉTICA PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

ÂNDREA FRANCINE BATISTA

DOUTORA EM SERVIÇO SOCIAL.
PROFESSORA NO CURSO DE LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA
NATUREZA - UFPR LITORAL

Os povos fazem ciência desde os primórdios da humanidade. A partir da observação, da experimentação, da investigação, da sistematização de conhecimentos, os seres humanos produziram e produzem tecnologias e processos que fizeram possível a sua existência. As múltiplas relações entre os seres humanos e a natureza trouxeram desafios e inquietações que, superados, colocaram a própria humanidade em estágios diferentes na história.

Podemos citar aqui alguns dentre tantos exemplos que impactaram a vida humana e que até hoje são base para novos conhecimentos, como por exemplo, as invenções no continente africano. Nesse território foi encontrado o mais antigo objeto matemático conhecido, o Osso de Lebombo (datado de aproximadamente 35.000 anos a.C.), que era

utilizado como uma calculadora. Da mesma forma podemos citar a invenção do papiro, um papel antigo feito da planta aquática *Cyperus papyrus* encontrada nas margens do Rio Nilo, ou ainda os conhecimentos de engenharia e anatomia, que juntamente com a criação de instrumentos cirúrgicos são a base da medicina moderna.

A cada período histórico novas inquietações foram surgindo, novos desafios foram instigando a curiosidade e a necessidade de resolução de problemas da vida concreta. Se nos detemos na atualidade, sem dúvida um dos principais desafios é a questão ambiental, visto que suas implicações se relacionam à continuidade da vida planetária. Fazer ciência, portanto, é parte do desenvolvimento da história da própria humanidade e é certo que se encontra em nossas mãos a implacável tarefa de projetar perguntas, sínteses e possíveis respostas que contribuam para a existência da vida futura

CIÊNCIA E SOCIEDADES DE CLASSE

A ciência atravessou os diferentes modos de produção ou sistemas sociais. Como parte do processo de conhecimento da realidade concreta em suas múltiplas relações, o ser humano, ao fazer ciência, questionou verdades consensuadas, sistematizou saberes, provocou temas e conexões antes não observadas. Mas, ao mesmo tempo, vivenciou os tensionamentos de sua negação. Tanto a prisão ou morte de descobridores, como o caso de Giordano Bruno, que morreu na fogueira da inquisição, quanto a queima de livros que se contrapunham à política e ao pensamento dominante em determinados períodos, são expressões mais emblemáticas dessas tensões. Não podemos deixar de citar como exemplos: a queima de livros na Dinastia Qin na China (213 e 206 a.C.); a queima da Biblioteca de Alexandria (a maior biblioteca do mundo antigo); a queima de manuscritos árabes durante a inquisição espanhola (1499); a destruição de manuscritos das populações indígenas Maias e Astecas durante o processo de colonização da América (1560); a queima de livros na Alemanha nazista (1933) ou, ainda, a queima de livros como parte da censura da Ditadura Pinochet no Chile (1973).

É importante também destacar que a ciência, no bojo do modo de produção capitalista, em grande medida encontra-se canalizada para as necessidades do pleno desenvolvimento desse sistema. É possível observar isso com nitidez quando nos detemos na produção de maquinários gigantescos para a colheita de monocultivos de grãos, madeira ou ainda na mineração em larga escala. Também, quando analisamos a transgenia na produção de sementes e sua relação com o mercado de agrotóxicos na produção alimentar enquanto a fome e a ausência de alimentação saudável assolam grande parte da população mundial. Nesses casos, a tecnologia e a ciência são articuladas especialmente à sustentação do lucro em detrimento de suas consequências para a natureza e para o ser humano a longo prazo.

Mas também é fundamental destacarmos que há a ciência produzida na contramão dessa lógica e que busca novos horizontes. As experiências de construção de sociedades socialistas são parte dessas iniciativas. Albert Einstein (1879-1955), um físico alemão, afirmava que um dos piores males do capitalismo se encontra na “deformação dos indivíduos” e que no âmbito do sistema educacional

se expressa no prolongamento da “atitude competitiva exagerada”. Em contraposição, afirma que o verdadeiro propósito do socialismo seria “superar a fase predatória do desenvolvimento humano”, caminhando numa direção de finalidade socioética (EINSTEIN, 1949).



A EXPERIÊNCIA SOCIALISTA SOVIÉTICA E A CIÊNCIA

Entre as várias experiências socialistas que a humanidade produziu, destacamos aqui a Revolução Russa, que ocorreu em outubro de 1917, ou novembro no calendário gregoriano. Esta foi a primeira experiência revolucionária de caráter socialista inspirada no legado da luta dos povos trabalhadores que os antecederam, em especial a Comuna de Paris (1872, França). Esse processo deu origem ao novo nome do país, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O próprio nome vem de soviets, que significa conselho ou comuna.

As agitações que decorreram no país naquele período levaram muito mais do que a mudança de nome do país, mas estabeleceram as bases de transformações sociais importantíssimas para a história da humanidade. Como exemplo, podemos citar a socialização das terras entre os camponeses, ou as experiências educativas e suas formulações teóricas calcadas na auto-organização estudantil e no trabalho socialmente necessário. Neste caso,

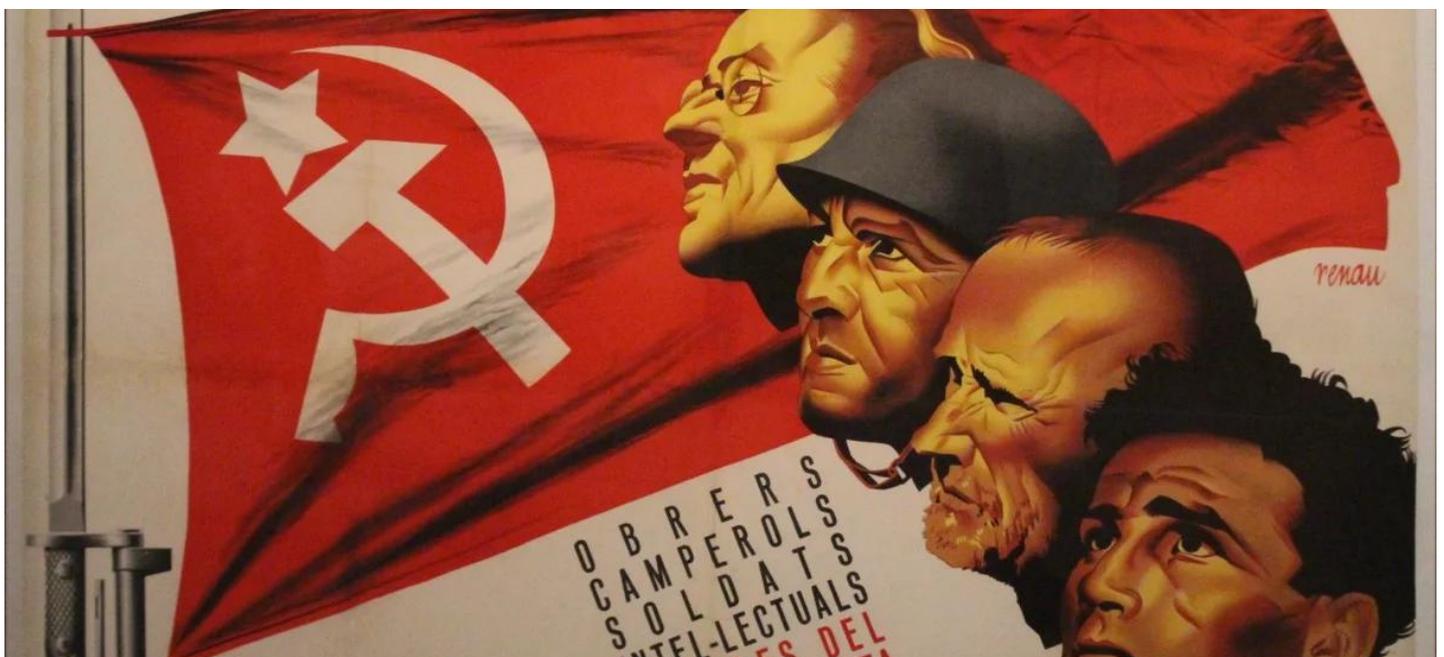
podemos deixar de mencionar o papel de educadores como Moisey Pistrak (1888-1937), Anton Makarenko (1888-1939) e Nadejda Krupskaja (1869-1939).

Da mesma maneira, não podemos deixar de lembrar o papel de Alexandra Kollontai (1872-1952) na organização das condições para a emancipação feminina, do papel de Sergei Eisenstein (1898-1948) no cinema soviético, de Vladimir Maiakovski (1893-1930) na poesia, de Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934) na psicologia social ou de Mikhail Bakhtin (1895-1975) nas pesquisas da linguagem humana.

No campo das Ciências da Natureza, imprescindíveis foram tantos cientistas que dedicaram sua vida à investigação e à melhoria das condições da população. Podemos mencionar Zinaída Ermôlieva (1898-1974), que foi uma das fundadoras da microbiologia nacional fazendo vários estudos para combater a cólera, a febre tifoide e a difteria. Criou o primeiro antibiótico russo (Krustozin), que semelhante ao da penicilina foi considerado pelo seu criador ainda mais eficaz. Lina Chtern (1878-1968), uma grande pesquisadora acadêmica que focou seus estudos nas bases químicas e físico-químicas da fisiologia de seres humanos e animais. Ela desenvolveu um método de eletropulso que impedia a fibrilação ventricular do coração e criou o primeiro aparelho de eletroterapia cardíaca. Outra grande contribuição soviética à ciência foi a invenção das lâmpadas fluorescentes. Fátima Butáeva (1907-1992) foi coautora desse feito, bem como da criação de um “novo princípio de amplificação de luz”, que até hoje é usado em lasers (ZUBATCHEVA, 2020).

Imprescindível também foram os estudos de Nikolai Ivanovich Vavilov (1887-1943), botânico, agrônomo e geneticista que, a partir do pensamento de Mendel, aprofundou seus estudos sobre o melhoramento do trigo, milho e outros grãos - bases da alimentação. Sua intenção era acabar com a fome. Conhecer mais de perto a situação dos camponeses e sua experiência na infância em conviver com o racionamento de alimentos à população foram motivações que fizeram com que embarcasse nesse caminho. Vavilov atuou no Instituto Agrícola de Moscou, fez pesquisas sobre a imunidade das plantas e organizou expedições botânicas coletando sementes de vários lugares do mundo, como na Pérsia, Afeganistão, Palestina, África, China, Estados Unidos, México, Peru, Bolívia, Chile, Cuba e inclusive no Brasil. Levou-as para a URSS, organizando um Banco de Sementes onde junto a outros botânicos realizava estudos e experimentos de melhoramento genético. Organizou e coordenou institutos para formação de camponeses. Suas pesquisas o levaram à formulação da importância da diversidade genética nas lavouras como forma de contribuir para a imunidade das plantas contra as doenças.

Entretanto, a rica experiência socialista soviética teve também suas limitações. Após a morte de Vladimir Lenin (1870-1924), uma importante liderança à frente do processo revolucionário, Vavilov passou por uma série de perseguições políticas. Preso em 1940, faleceu sob condições muito precárias de vida. Em seu legado, destacamos a coleção de cerca de 250 mil sementes e raízes em uma rica biodiversidade. Durante a II Guerra Mundial (1944),





O CERCO A LENINGRADO DUROU 900 DIAS

CRÉDITO: REPRODUÇÃO/BBC BRASIL

no cerco dos alemães à Leningrado, um coletivo de cientistas se organizou para proteger essa imensa coleção de sementes dos bombardeios no porão da sede onde se encontravam. Nos momentos mais difíceis, mesmo famintos recusaram-se a comê-las, o que levou alguns a morrer de fome. Ainda durante a Guerra, parte dessa coleção de sementes estocadas em territórios ocupados pela Alemanha nazista foram roubadas.

Em 2008, no arquipélago Ártico de Svalbard - Noruega, foi construído um enorme Banco de Sementes armazenando cerca de 1 milhão de espécies agrícolas, representando uma história de 13.000 anos de agricultura. Entre as possíveis catástrofes futuras para o planeta, sejam climáticas ou de outra espécie, restaria saber como seria a recuperação dessas sementes para os diferentes povos da Terra que aportam neste espaço enviando amostras de sua biodiversidade. Todo esse material genético seria privatizado? Seria socializado? Possivelmente, dependeria da forma societária em que estaríamos construindo.

A GUERRA FRIA, A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Com o fim da II Guerra Mundial, uma nova forma se estabelecia - a Guerra Fria. Dois blocos político-econômicos em oposição se chocavam sob as perspectivas capitalista e socialista. EUA, em representação ao capitalismo imperialista, atacava veemente a experiência socialista soviética.

Esses conflitos impulsionaram também a ciência e o desenvolvimento tecnológico. Na década de 1950, a URSS é pioneira no uso energia nuclear para produzir eletricidade (Usina Nuclear de Obninsk). A corrida espacial é outro exemplo. Em 1957, a URSS lançou o primeiro satélite artificial em órbita (Sputnik) e em seguida enviou o primeiro ser vivo ao espaço (a cadela Laika). Nos anos seguintes foi responsável pelo envio do primeiro homem a orbitar o planeta Terra - Yuri Gagarin (1961) e a primeira mulher - Valentina Tereshkova (1963). Em 1966 envia a primeira espaçonave não tripulada à Lua. Em resposta, os Estados Unidos criavam a Agência Espacial Norte-Americana (NASA) em 1958; em 1960, lançava o primeiro satélite de comunicações, transmitindo ligações simultâneas ou canal televisivo; e em 1969 enviou o primeiro homem à Lua através do Projeto Apolo.

A partir desses e de outros experimentos científicos produzidos durante a Guerra Fria, a vida cotidiana da população do planeta mudaria completamente. A telecomunicação, sinais de GPS, computadores, internet, detectores de fumaça, forno micro-ondas e câmeras digitais são desdobramentos dessas pesquisas espaciais.

REFLEXÕES FINAIS

Hoje, a política econômica da Rússia, antiga URSS, já está muito distante dos princípios que envolveram a efervescência do processo revolucionário de 1917. Uma experiência que superou uma sociedade czarista (Império Russo) na perspectiva da construção de uma

nova forma societária, mas que em determinado momento definiu em seus propósitos originários. A guerra que hoje se estabelece entre Rússia e Ucrânia, e toda a ciência que se encontra a serviço dela, está circunscrita na geopolítica econômica de grandes potências mundiais.

A experiência soviética nos provoca a refletir sobre o papel das ciências na humanidade e certas perguntas são fundamentais a serem feitas e refeitas a cada instante, especialmente no que se refere às conexões entre as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas e Sociais.

A ciência e a tecnologia são neutras em sua dimensão política? Se sim, o principal problema seria a sua propriedade privada e seu uso para a concentração de riquezas? Se não são neutras, existe a possibilidade de fazer ciência e criar tecnologias que possam resistir às consequências da forma societária capitalista e sua perspectiva de lucro acima de tudo? Seria possível construir ciência e novas tecnologias numa perspectiva societária socialista? (CHRISTOFFOLI, 2017). Essas provocações são fundamentais para a classe trabalhadora, tanto das cidades como os povos do campo, águas e florestas que vivenciam em seus territórios cotidianamente as mais brutais consequências da forma capitalista de produção.

Conhecer as múltiplas determinações e relações da realidade concreta é fazer ciência. Projetar possibilidades e soluções para resolver problemas que nos assolam é ciência. Sua finalidade, suas possibilidades, os métodos ou caminhos que precisamos percorrer para apreender a realidade pode nos fazer enxergar alternativas de mudança e de construção de uma sociedade mais justa e comunitária, onde possamos como humanidade superar a "atitude predatória" mencionada por Einstein (1949) e, por fim, produzir uma existência plena e emancipatória para todos, todas, todxs e tudo o que habita este planeta.

Referências

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. O debate sobre ciência e tecnologia na superação do modo de produção capitalista: lições do processo russo e questões da atualidade. In: CALDART; Roseli; VILAS BOAS, Rafael Litvin. **Pedagogia Socialista**. Legado da Revolução de 1917 e desafios atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 127-148.

EINSTEIN, Albert. **Por que o Socialismo?** Maio 1949. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/einstein/1949/05/socialismo.htm> Acesso em: 10 mai. 2022.

KRUPSKAYA, Nadejda. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MAUER, Thiago. Da fome às estrelas: 40 anos de ciência soviética. **Temporalidades - Revista de História**, Belo Horizonte, ed. 31, v. 11, n. 3, p. 78-103, set./dez. 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/15242>.

ZUBATCHEVA, Ksênia. As cinco maiores cientistas da Rússia. **Russia Beyond**. 08 de março de 2020. Disponível em: <https://br.rbth.com/ciencia/83564-5-maiores-cientistas-russas>.



YURI GAGARIN, PRIMEIRO SER HUMANO A VIAJAR PELO ESPAÇO, EM 12 DE ABRIL DE 1961, A BORDO DA VOSTOK 1
CRÉDITO: REPRODUÇÃO/SPUTNIK BRASIL

AS MULHERES E A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917

REBECCA DE OLIVEIRA FREITAS

DOCTORANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.

A Revolução Russa de 1917 foi um dos eventos chave para a história do século XX. A eclosão de uma revolução com caráter socialista, a partir de outubro, em um país com uma economia pouco desenvolvida, em meio a um conflito mundial - 1ª Guerra Mundial - e em um momento em que o capitalismo monopolista demonstrava grande força não poderia ter menos impacto. Sua repercussão se estendeu para muito além do território do então Império Russo, seja pelo temor de que iniciativas semelhantes se instalassem em seu território, seja pela inspiração a lutadoras e lutadores na construção de um mundo melhor.

Embora haja vasta bibliografia a seu respeito, é recente a preocupação em estudar a atuação das mulheres. Neste texto gostaria de defender a importância de considerarmos a perspectiva das mulheres para compreender a história da Revolução Russa e da URSS em toda sua complexidade.

Essa defesa se baseia em dois argumentos principais. O primeiro é a compreensão de que as mulheres foram sujeitos essenciais para o desdobramento dos eventos revolucionários. Em 23 de fevereiro de 1917 (8 de março em nosso calendário*), as mulheres das fábricas têxteis de São Petersburgo iniciaram uma greve reivindicando pão e paz. A massa feminina bradava canções revolucionárias e se dirigiu às demais fábricas chamando seus companheiros trabalhadores a se unirem a elas.

* A DATA 23 DE FEVEREIRO CORRESPONDE AO CALENDÁRIO JULIANO, JÁ 8 DE MARÇO NO CALENDÁRIO GREGORIANO



"TRABALHADORAS, PEGUEM OS RIFLES" (1917)

CRÉDITO: REPRODUÇÃO/LEV BRODARTY



O cenário de ampla desigualdade aprofundada pela participação desastrosa da Rússia na guerra foi o campo ideal para que a expressão de revolta dessas mulheres se expandisse em revolução. Assim, iniciou-se a Revolução Russa: a partir de uma manifestação de mulheres e cuja data se consagraria posteriormente como o Dia Internacional da Mulher. A participação das mulheres também esteve marcada na vanguarda organizada, com contribuições para áreas diversas da vida revolucionária. Desde as militantes narodniks, como Sophia Perovskaia, uma das participantes do atentado que assassinou o tsar Alexandre II; passando por Vera Zaslitch, uma das pioneiras do marxismo russo; Nadejda Krupskaja e sua enorme contribuição para a educação na sociedade socialista; e a renomada Alexandra Kollontai, a primeira mulher a ocupar um cargo no governo, o Comissariado do Povo para a Assistência Pública – equivalente ao de Ministra do Interior. Assim, de diversas formas, as mulheres também fizeram essa revolução!

Em segundo lugar, gostaria de destacar que a Revolução Russa se preocupou profundamente com a questão da posição subalterna das mulheres nas sociedades patriarcais e capitalistas. Isso pode ser visto na legislação aprovada nos primeiros anos da Revolução, muito mais avançada do que qualquer outro país na época – e do que muitos países atualmente. Ela incluía: direito ao voto, casamento civil, direito ao divórcio independente do consentimento do cônjuge, descriminalização da

homossexualidade, legalização do aborto, criação de creches e lavanderias coletivas, igualdade salarial entre os gêneros e licença maternidade, para citar alguns exemplos.

Essas conquistas foram a concretização de um movimento organizado e de massas de mulheres a partir do Departamento de Mulheres do Partido Comunista, o Jenotdel, e revelam uma compreensão de que o socialismo não seria construído somente pela socialização dos meios de produção, mas a partir de uma profunda reorganização da relação entre o âmbito produtivo e reprodutivo, entre o social e o privado.

A evolução posterior dos direitos das mulheres na URSS também pode ser uma chave reveladora dos rumos tomados pela revolução. À medida em que o regime stalinista se consolidava ao longo da década de 1930, muitos desses direitos foram revogados. Esses retrocessos atestam o papel cumprido pela família e pela opressão de gênero na estabilização de uma sociedade em ritmo extremamente acelerado de transformação, com os planos quinquenais e o aumento da indústria e a coletivização forçada dos campos. Além disso, foram ferramentas essenciais para colocar as desigualdades de gênero a serviço da rápida ampliação da indústria soviética.

Como vimos, as mulheres participaram da Revolução Russa com seus corpos, pautas e lutas.

Sua história é uma lembrança da necessidade de darmos visibilidade aos sujeitos apagados da história. Também é uma porta para um caminho mais profundo de compreensão dessa revolução e dos fenômenos sociais em geral, com destaque para a integração entre a esfera produtiva e reprodutiva de nossa sociedade.

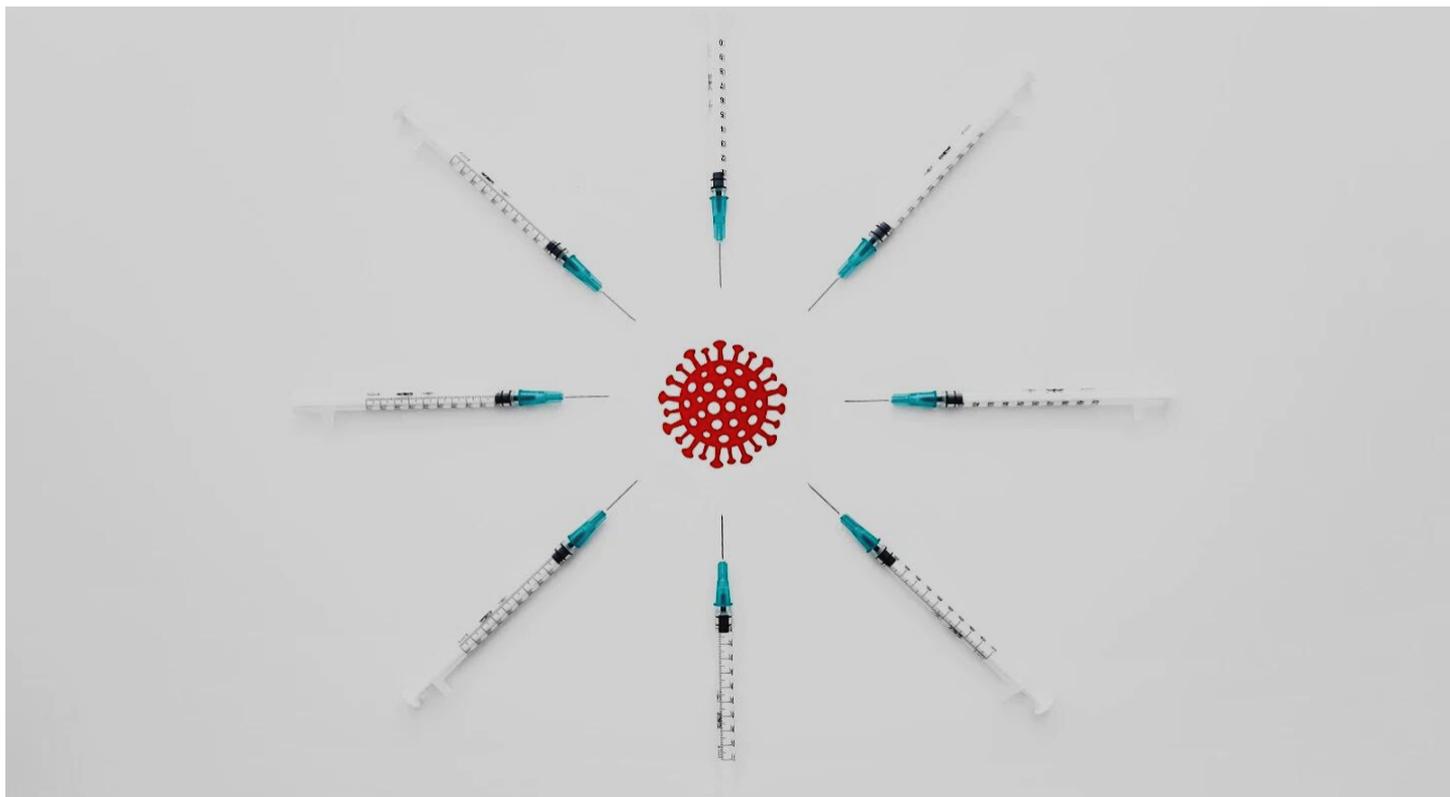
Referências

FREITAS, R. O. O Realismo Socialista: uma análise do lugar da mulher em cartazes soviéticos da Segunda Guerra Mundial. In: SIMPÓSIO NACIONAL ESTADO E PODER: Gramsci na Pesquisa Histórica, 9., 2016, Niterói. Anais [...] Niterói: 2016. p. 672-687.

GOLDMAN, Wendy. A mulher, o Estado e a revolução. São Paulo: Boitempo; Iskra, 2014.

SENNÁ, Thaiz Carvalho. A questão feminina na Rússia e suas respostas: análise por meio da lei do desenvolvimento desigual e combinado. Revista Marx e o Marxismo. v. 4, n. 7, p. 258-280, 2016. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniepi/index.php/MM/article/download/180/133> Acesso em: 28 abr. 2022.





AS VACINAS CONTRA A COVID, ASSIM COMO AS OUTRAS VACINAS, FORTALECEM O SISTEMA IMUNOLÓGICO E CRIAM DEFESAS PARA A DOENÇA

COMO FUNCIONAM AS VACINAS CONTRA A COVID-19?

ISABELA STANGA

ACADÊMICA DO CURSO DE JORNALISMO
DA UFPR

Mesmo que a vida esteja voltando ao normal depois da fase mais difícil da pandemia, a Covid-19 ainda é perigosa. Mais de 660 mil pessoas morreram e cerca de 98 pessoas ainda morrem por dia por causa da doença em todo o país. Porém, no ano passado, a média de mortes por dia era muito maior: em 29 de março de 2021, por exemplo, 3.541 brasileiros perderam a vida por causa da Covid-19.

O que reduziu o número de casos e de mortes e permitiu que a população voltasse a sair, encontrar outras pessoas, trabalhar e estudar fora de casa com segurança foram as **vacinas**. Hoje, no Brasil, mais de 176 milhões de pessoas foram imunizadas contra a Covid-19, ou seja, cerca de 82% da população brasileira. Mas afinal, como funcionam essas e outras vacinas e por que é importante tomá-las?

Antes de tudo, precisamos entender o que elas são. “As vacinas são substâncias que usamos para produzir proteção no nosso organismo sem termos que ficar doentes”, explica a Laura Christina Macedo Piosiadlo, enfermeira e professora de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. “Quando pegamos uma determinada doença, como sarampo, gripe, caxumba, elas são causadas por vírus ou por bactérias e, depois que você se cura, a doença te dá uma proteção. No caso das vacinas, os cientistas pegam o agente que causa a doença (o vírus ou a bactéria) e trabalham com ele no laboratório para que não seja mais um causador de prejuízos, mas só dê a proteção para o organismo”, afirma a professora.

Antes de um imunizante ser aprovado para uso, ele passa por uma série de testes para garantir que não vai causar a doença, mas sim apenas fornecer a proteção para o corpo. Esses testes são chamados

fase clínica de estudo, em que os pesquisadores testam a substância que desenvolveram em pessoas que atuam como voluntárias. No começo, são mais ou menos 10 voluntários, que depois passam para mais de 100 e, depois, para mais de mil, isso tudo para garantir que a futura vacina é segura para a população.

Quando uma pessoa toma uma vacina para determinada doença, ela não está protegendo apenas a si mesma, mas também as outras pessoas que convivem no mesmo ambiente. “Tomando a vacina, você não fica doente e não passa a doença para outras pessoas. Por causa da vacinação em massa, ou seja, de muitas pessoas ao mesmo tempo, foi erradicada a varíola, uma doença que não existe mais”, diz a professora. A varíola, causada pelo vírus com o mesmo nome, causava a morte de aproximadamente 30% das pessoas contaminadas. Assim, três em cada dez pessoas que pegavam a doença morriam por causa dela.

Além da varíola, outra doença que está a caminho de ser erradicada por causa da vacinação é a poliomielite, também conhecida como paralisia infantil. Devido à vacinação da maioria das crianças, hoje não existem casos de paralisia causada pela pólio, explica também a professora Laura.

VACINA CONTRA A COVID-19

Assim como as outras vacinas, a da Covid-19 também funciona para impedir que quem a tome desenvolva a doença. Ela imita uma infecção pelo vírus, com pequenos pedaços do coronavírus ou com o vírus inteiro inativado (ou seja, sem poder causar danos). Assim, quando receber o vírus de verdade, funcionando normalmente, o corpo já vai estar preparado.

“Com a vacina, o sistema imunológico vai aprender a reconhecer o coronavírus como um corpo estranho e desenvolver a defesa. Quando a pessoa vacinada entrar em contato com a doença, o organismo já vai estar preparado, já vai ter sido treinado para responder rapidamente”, expõe Luciano Huergo, professor do Bacharelado em Ciências Ambientais e da Pós-Graduação em Ciências-Bioquímica da UFPR. “Dessa forma, a pessoa vacinada vai ficar menos



AS VACINAS CONTRA A COVID, ASSIM COMO AS OUTRAS VACINAS, FORTALECEM O SISTEMA IMUNOLÓGICO E CRIAM DEFESAS PARA A DOENÇA

suscetível à infecção pelo novo coronavírus, mas se tiver a infecção, ela vai ter uma resposta mais rápida o que deve fazer com que a infecção seja menos grave”.

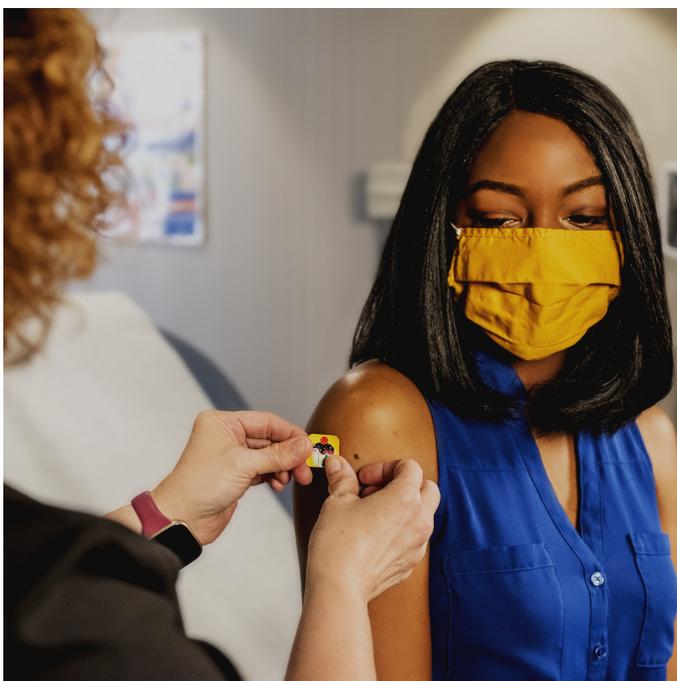
Vale ressaltar que uma pessoa vacinada pode sim pegar a Covid-19, mas, como dito pelo professor Luciano, os sintomas vão ser mais leves. Isso explica porque antes das vacinas, muitas pessoas precisavam de leitos de Terapia Intensiva (UTI) quando tinham a doença, já que tinham problemas graves no corpo causados pelo coronavírus. Em março do ano passado, por exemplo, 90% dos leitos de UTI de Curitiba estavam ocupados e mais de 100 pessoas morriam de Covid por dia na cidade.

Hoje, com a vacinação, são poucos os casos que precisam de tratamento intensivo. No dia 18 de abril deste ano, por exemplo, a cidade não teve nenhum paciente internado na UTI e registrou apenas uma morte pela doença.

Todas as marcas de vacinas usadas no Brasil foram testadas e aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que analisa remédios e imunizantes para serem aplicados nos brasileiros.

Dessa forma, todas as vacinas disponíveis nos postos de saúde são seguras e eficazes contra a Covid.

O professor Luciano ainda explica que é muito importante tomar todas as doses das vacinas contra a Covid-19, para que elas cumpram de verdade a sua missão de proteger quem está tomando. “Para as pessoas que foram vacinadas com o esquema completo de vacinação, ou seja, com a primeira, a segunda e a terceira dose, é esperado que tenham uma redução grande no número de casos graves e hospitalizações”.



PESSOAS VACINADAS COM TODAS AS DOSES DA VACINA CONTRA A COVID-19 ESTÃO MAIS PROTEGIDAS E TÊM MENOS CHANCES DE DESENVOLVER SINTOMAS GRAVES DA DOENÇA

VACINA CONTRA A COVID-19 E AS CRIANÇAS

Algumas das vacinas usadas para a Covid-19 estão sendo aplicadas também em crianças. Em dezembro do ano passado, a Anvisa aprovou o uso do imunizante da *Pfizer-Biontech* em crianças de 5 a 11 anos. No começo deste ano, o Conselho Nacional de Saúde apoiou a decisão da Anvisa, reforçando que a vacina é segura para uso infantil.

Ela funciona da mesma maneira em adultos e crianças, ou seja, produz uma defesa no corpo contra a doença. Um detalhe é que as crianças não podem tomar a **vacina da gripe** e a **da Covid-19**

juntas: elas precisam esperar pelo menos 15 dias entre uma e outra, para que ambas não percam o efeito.

Em todo o país, mais da metade das crianças já tomaram a vacina contra a Covid, mas muitas ainda precisam se vacinar. Isso porque, mesmo que os casos da doença estejam caindo no total, entre as crianças de 5 a 11 anos eles estão na verdade aumentando. Na última semana de março de 2022, os casos nessa faixa etária mais do que dobraram, passando de 160 para 506 em sete dias, como mostrou o boletim Infogripe publicado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Assim, as crianças precisam tomar a vacina para se protegerem e também para não contaminarem umas às outras. “Levem as suas crianças para tomar a vacina contra a Covid. Elas vão ficar protegidas, assim como estão protegidas da paralisia infantil, da tuberculose, contra hepatite, contra sarampo, contra febre amarela por causa das vacinas. Todas elas são seguras e trazem muita proteção para o organismo. As vacinas só fazem o bem, para adultos e crianças, para que a gente possa viver bem, com saúde, com qualidade de vida”, finaliza a professora Laura.



TESTES REALIZADOS POR CIENTISTAS COMPROVARAM QUE CRIANÇAS PODEM E DEVEM SER VACINADAS CONTRA A COVID-19



PROPOSTAS DE PLANO DE AULA PLANEJADAS POR ESTUDANTES DA LECAMPO

GILBERTO DA SILVA GUIZELIN

HISTORIADOR, DOCENTE DA
LECAMPO/UFPR

Ao longo do primeiro semestre do calendário letivo de 2021 da UFPR trabalhei com os estudantes das turmas Sementes (2017), Sepé Tiaraju (2018) e Chico Mendes (2019) da Lecampo o módulo de Interações Culturais e Humanísticas (ICH) dedicado a abordar o impacto das Leis de Inclusão Étnico-racial na Educação.

Nesse sentido, desenvolvemos discussões em torno do contexto histórico, político e social que culminaram na criação e implementação da Lei 10.639/03, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira na grade curricular obrigatória do Ensino Fundamental e Médio; e da Lei 11.645/08, que ampliou a primeira ao incluir também a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura indígena na grade curricular do Ensino Básico nacional.

Como atividade avaliativa, propus aos estudantes que planejassem em grupo ou individualmente, como achassem melhor, uma proposta de plano de aula que refletisse as discussões tratadas ao longo do módulo. Dessa atividade surgiram variadas e importantes propostas de planos de aula de modo que, no intuito de divulgar e difundir o conhecimento gerado pelos nossos estudantes, iniciamos nesta edição do Boletim Lecampo a publicação de alguns desses planos de aula na esperança de que esse material chegue aos educadores e educadoras das escolas do campo e que lhes sirvam de auxílio ou de inspiração no preparo de suas aulas.



CRÉDITO: REPRODUÇÃO/AUPA

Plano de Aula Proposto pelo Estudante Jonas Joaquim Ursulino

JONAS JOAQUIM URSULINO

ACADÊMICO DO CURSO DE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
- CIÊNCIAS DA NATUREZA - UFPR LITORAL

Tema: O legado científico e tecnológico dos africanos e afro-brasileiros

Público-alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental

Tempo Estimado: 4 aulas de 50 minutos cada

Objetivo: A partir das distorções a respeito do legado cultural e científico dos povos africanos e afro-brasileiros, resultante da predominância do eurocentrismo na dita "história tradicional" centrada nos vencedores, conquistadores e dominadores, os africanos e afro-brasileiros tiveram seus conhecimentos científicos e tecnológicos negados. Mas através do resgate da história a partir da perspectiva dos "povos vencidos/dominados/subalternos", confirmamos que os africanos e afro-brasileiros fizeram uma grande contribuição de ciência e tecnologia para a humanidade. Nesse sentido, o objetivo deste plano de aula é que os alunos possam reconhecer que a ciência é uma atividade humana e, como tal, pertencente a todos os povos e nações do mundo, inclusive aos povos africanos e afro-brasileiros.

Primeira aula: o tema deverá ser introduzido através da seguinte problematização dirigida aos alunos: Qual a origem da ciência? Após colher as impressões dos estudantes, o professor pode abordar brevemente os conhecimentos científicos e tecnológicos de um povo ou civilização africana antiga.

Exemplo: a tecnologia por trás da construção das grandes pirâmides do Egito Antigo ou a tecnologia por trás da construção das grandes muralhas do Antigo Grande Zimbábue etc. Nessa aula, o professor deve ter o cuidado de ressaltar que esses conhecimentos científicos e/ou tecnológicos foram desenvolvidos com seus próprios métodos, objetivos e peculiaridades quanto aos seus conceitos, e isso não está relacionada à capacidade intelectual de seus idealizadores, mas sim à necessidade de evolução para atender as dificuldades singulares e peculiares daquelas sociedades e do território por elas ocupado. Sugerimos ainda como recurso didático a utilização de imagens das tecnologias científicas empregadas e de mapas geográficos e políticos contemporâneos, e se possível, antigos da África para que os alunos possam ter a dimensão da região antes ocupada por tais povos.

Segunda aula: a segunda aula deve tratar do predomínio do eurocentrismo na história da ciência, demonstrando como os europeus, a partir do seu processo de conquista de outros povos, tiveram o cuidado de ofuscar os conhecimentos dos povos conquistados, muitas vezes inclusive se apropriando desses conhecimentos com o objetivo de propagar que a Europa era o principal, se não o único, centro e criação e difusão do conhecimento, da cultura e que os demais povos eram cultural, social e intelectualmente inferiores a ela. O professor pode selecionar um pequeno trecho do texto Contribuição

dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal, escrito por Lázaro Cunha, e solicitar aos estudantes que realizem a sua leitura prévia. Após a leitura, eles devem responder as seguintes questões:

1. Com o objetivo de demonstrar que os europeus eram o grupo de seres humanos mais desenvolvido, o botânico sueco Carlos Lineu classificou, em 1758, o *Homo sapiens* em quatro subespécies. Quais eram elas?
2. Qual foi a principal façanha do eurocentrismo?
3. Qual a definição para o eurocentrismo?

Terceira aula: na terceira aula o professor pode se aprofundar no legado científico deixado por povos antigos da África na medicina, astronomia, engenharia, arquitetura, matemática, navegação, entre outras. Embora o título de "pai da medicina", seja atribuída ao grego Hipócrates, que não passa de um equívoco intencional e proposital para vincular a Europa a esse conhecimento, no Egito já era usada a ciência médica e farmacológica bem desenvolvida com capacidade de promover cirurgia complexa cerebrais, de cataratas, o engessamento de osso e administração de substâncias cicatrizantes e analgésicas. Diante disso, uma vez apresentada essa informação aos estudantes, poder-se-ia indagá-los: seria apropriado e legítimo atribuir o título de "pai da medicina" ao egípcio Imhotep?

Na astronomia, a antiga nação africana de Dogon, situada no antigo Mali, tinham o conhecimento da existência do pequeno satélite da estrela Sirius B, invisível ao olho nu. Os Dogons sabiam identificar o metal que formava o satélite e descrever sua trajetória como a astronomia moderna.

Na engenharia e arquitetura temos as construções das pirâmides do Egito com a matemática presente nas curvas precisas de até 0,07 graus que mostram o quanto era avançado o estágio da matemática, engenharia e arquitetura nessa região. Ademais, podemos ver também esses mesmos recursos serem bem empregados na região que hoje correspondem às áreas de Ruanda e Uganda na difusão da metalúrgica, com seus fornos alcançando alta temperatura com diferença de duzentos graus a mais que nos fornos europeus. Outra engenharia impressionante é a das ruínas da muralha urbana do grande Zimbábue, no sudeste africano, entre o atual Zimbábue e Moçambique, construção de pedras em cima de outras sem o uso de cimento, semelhante às de Machu Picchu.

A arte da navegação aprimorada pelos fenícios tem que ser dividida com os egípcios, que oito séculos antes de Cristo fabricavam barcos com diversidades de modelos, como militares, cargueiros, de lazer e de cerimônia religiosa.

Sugerimos como recurso didático para essa aula o filme *O misterioso povo Dogon*, a estrela Sirius e a criação do universo, de 9 min, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qASI_bHKEfo.

Após o filme, o professor pode solicitar que os alunos desenvolvam um desenho sobre o que compreenderam do filme, destacando as tecnologias e conhecimentos científicos do povo Dogon



Quarta aula: na quarta e última aula, o professor pode abordar com os alunos a contribuição científica dos africanos escravizados e de seus descendentes na história do desenvolvimento do Brasil. Nesse sentido, a pergunta norteadora da aula poderia ser: vocês conhecem algum cientista afro-brasileiro ou afro-brasileira? Feita a pergunta, o professor poderia apresentar uma lista de alguns cientistas e intelectuais brasileiros negros, a exemplo de:

- André Rebouças, baiano de Cachoeira, nascido em 1838, formado em Engenharia, Ciência Física e Matemática. Sua carreira foi marcada com construções pioneiras de docas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão.

- Juliano Moreira, nascido em 1873. Foi referência na medicina brasileira, formando-se em medicina em 1891. Sua atuação em pesquisas científicas foi notável na Sociedade de Medicina Baiana. Pesquisou sobre doença como o botão endêmico ou botão-de-Biskra e doença ulcerativa, observada principalmente no norte da África. Sua pesquisa ajudou na identificação dessa doença aqui no Brasil.
- Teodoro Sampaio, nascido em Santo Amaro, no Recôncavo baiano, em 1855, filho da escravizada Dominga de Paixão com o senhor de engenho Francisco Antônio da Costa Pinto, que nunca o legitimou. Sua instrução foi assumida por seu tio, que o mandou para São Paulo para que pudesse estudar. No ano de 1877, aos 22 anos, formou-se e se tornou sócio do Instituto Politécnico Brasileiro, ao mesmo tempo em que retorna à Salvador para comprar a alforria de sua mãe que ainda era escravizada. Formado em Engenharia Civil, reconstruiu o velho prédio da antiga Faculdade de Medicina no terreiro de Salvador e foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da recém-inaugurada Universidade de São Paulo (USP), sendo responsável por trazer intelectuais internacionais para compor o corpo docente da USP.
- Virginia Leone Bicudo, mulher negra, nascida em 1910 na cidade de São Paulo, foi uma socióloga e psicanalista, primeira não médica a ser reconhecida como psicanalista, tornando-se essencial na contribuição e institucionalização da Psicanálise no Brasil. No campo da Sociologia, foi pioneira a tratar do estudo das relações raciais.
- Enedina Alves Marques, nascida em Curitiba no dia 13 de janeiro de 1913, foi a primeira mulher negra engenheira do Brasil e a primeira mulher engenheira do Paraná.
- Maria José Camargo Aragão nasceu no dia 10 de fevereiro de 1910 em Pindaré-Mirim no Maranhão. Foi médica e professora, iniciando sua carreira como pediatra, mas fez carreira como ginecologista. Até hoje é referência na defesa dos direitos das mulheres.

A ideia da aula é fazer com que os próprios alunos descubram quem foram esses intelectuais, assim, sugerimos que o professor divida a turma em pequenas equipes ao final da terceira aula e atribua cada um desses intelectuais negros para cada equipe.



VIRGINIA LEONE BICUDO
CRÉDITO: REPRODUÇÃO/SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA

As equipes devem ser orientadas a pesquisarem sobre seus personagens e desenvolver uma breve biografia em uma cartolina, e durante a quarta aula, as equipes irão apresentar suas produções para a turma.

Forma de Avaliação: os alunos serão avaliados constantemente de acordo com o seu comprometimento em participarem das aulas e atividades. Ao final, convém fazer uma devolutiva com sugestões ou apontamentos, se for o caso. Sugerimos que o professor avalie os alunos em duas etapas: a primeira, levando em consideração a participação individual do estudante; e a segunda, levando em conta sua participação no coletivo.

Referências

BARBOSA, Roberto Gonçalves. Elementos de uma contra-história da ciência para uma educação científica crítica: imperialismo e colonialismo. *Ensino & Pesquisa, União da Vitória*, v. 15, n. 4, p. 220-236, 2017. Disponível em: http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensino_pesquisa/article/view/1289. Acesso em: 01 set. 2020.

CUNHA, Lázaro. Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/contribicao-povos-africanos.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2019.



CRÉDITO: REPRODUÇÃO/PETAR

CARTA ABERTA AOS CANDIDATOS A GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO CONTRA A CONCESSÃO DO PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA (PETAR)

"TUDO QUANTO FERE A TERRA, FERE TAMBÉM OS FILHOS DA TERRA."

CACIQUE SEATTLE, 1885

No momento em que se aproximam as eleições de 2022 para o cargo executivo do governo do estado de São Paulo, nós, do coletivo de estudantes da Turma Chico Mendes, vinculado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, coletivo este composto por parcela significativa de estudantes oriundos dos povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira Paulista, subscrevemos esta carta aberta a todos os(as) candidatos(as) ao cargo de governador do estado de São Paulo a fim de manifestar política e publicamente nossas preocupações como habitantes desse território em relação ao projeto tocado pela

última e atual administração estadual - a saber: do ex-governador João Dória e do governador em exercício Rodrigo Garcia - de concessão à iniciativa privada da reserva do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR).

Nesse sentido, fazemos saber aos candidatos que visam chegar ao Palácio dos Bandeirantes nossa contrariedade ao projeto de concessão à iniciativa privada do território do PETAR:

- Pela falta de consulta prévia às comunidade tradicionais, acarretando na desarticulação das lideranças de resistência da comunidade;
- Pela desconsideração às poucas audiências públicas virtuais que aconteceram para debater sobre o assunto, nas quais a comunidade local foi impedida de participar mais ativamente em decorrência da precariedade do sinal de internet;

- Porque pelas diretrizes constitucionais – federal e estadual – então vigentes é papel do poder público, e não da iniciativa privada, trazer bem-estar para a comunidade, mesmo porque o objetivo da iniciativa privada é o de apenas gerar lucro;
- Porque o atual projeto representa um ataque à cultura local, afetando negativamente costumes e saberes tradicionais;
- Porque o atual projeto visa apropriar-se da história, da cultura e do território das comunidades tradicionais, transformando-os em atrativo para o turismo de massa, trazendo, por conseguinte, impactos socioambientais à fauna, flora e às comunidades tradicionais do PETAR;
- Porque o atual projeto inviabiliza e asfixia o turismo de base comunitária, importante fonte de renda para as comunidades tradicionais do PETAR, impactando a economia local já existente e condenando à morte essas mesmas comunidades;
- Pelo descaso do governo estadual em relação às demandas dos povos e comunidades tradicionais do PETAR;
- Pela falta de políticas públicas estaduais inclusivas para a população local do Vale do Ribeira;
- Pela sobreposição de parte do Parque em comunidade locais;

- Pela descaracterização do núcleo Casa de Pedra, sendo essa a maior boca de caverna do mundo, que se encontra no município de Iporanga.

Isso posto, aproveitamos ainda este espaço para cobrar dos(as) mesmos(as) candidatos(as) que exponham suas pautas com relação à defesa das áreas estaduais remanescentes da Mata Atlântica em consonância com o respeito ao modo de vida, ao direito de sobrevivência e do trabalho das populações do campo, das águas e das florestas que habitam a reserva do PETAR muito antes da própria reserva ser criada.

Matinhos-PR, 11 de abril de 2022.

Manifestação de Apoio

Os educadores e educadoras do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, da UFPR Setor Litoral, assim como a professora Elisiani Vitória Tiepolo e o professor Lourival de Moraes Fidelis, Diretora e Vice-Diretor, respectivamente, da UFPR Setor Litoral, manifestam publicamente apoio a esta Carta Aberta dos estudantes da Turma Chico Mendes contra a privatização do PETAR.



CRÉDITO: REPRODUÇÃO/POUSADA DO QUIRIRIM



CRÉDITO: REPRODUÇÃO/FUNDAÇÃO TELEFONICA VIVO

BCN-FORMAÇÃO DE PROFESSORES: IMPOSIÇÕES, DESAFIOS E ANTAGONISMOS FRENTE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

ETIENNE CESAR ROSA VACCARELLI
COORDENADORA ACADÊMICA DO SETOR
LITORAL UFPR

ADALBERTO PENHA DE PAULA
DOUTOR EM EDUCAÇÃO. PROFESSOR NO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - UFPR
LITORAL

Chegamos a 2022, o ano limite para a os cursos de Licenciatura de todo o Brasil realizarem reformulação curricular a fim de atender duas resoluções federais: 1) Diretrizes para a Extensão na Educação Superior - Res. 07/2018-MEC e 2) a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) - Res. 02/2019-CNE/CP. A Res. 07/18 remete à curricularização da extensão, que na UFPR foi denominada de "integralização da extensão" e intenciona tornar atividades extensionistas constituintes obrigatórias dos currículos dos cursos de graduação, para atendimento da Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 - Lei nº 13.005/2014. Este texto, no entanto, refletirá brevemente apenas sobre a BNC-Formação e sua interface com a Lecampo.

Assim, destaca-se alguns elementos importantes para analisar os impactos de tal documento nos processos de formação de professores no Brasil. Desde o início da década de 1990 o país se alinhou mais explicitamente às políticas neoliberais nos diferentes setores da sociedade. Na educação não seria diferente, visto que um modelo societário perpassa por um projeto de formação dos trabalhadores e trabalhadoras conforme princípios e objetivos, no caso, o projeto neoliberal de acúmulo de riqueza através da exploração do trabalho e dos bens naturais.

Neste sentido, as políticas educacionais foram e são pensadas a partir das orientações dos Organismos Internacionais/Multilaterais, como o FMI (Fundo Monetário Internacional), ONU (Organização das Nações Unidas), Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e tantos outros, que se capilarizam de diversas formas nos países, buscando, de alguma maneira, atender as demandas do capital em si, ou seja, a formação de trabalhadores e trabalhadoras, de modo geral, acrítico e subserviente.

Diante desse contexto, entende-se que a Resolução 02/19, explicitamente, atende ao projeto neoliberal, o que não quer dizer que Resoluções anteriores não atendiam. Contudo, esta vem sofrendo críticas e questionamentos desde sua origem, com várias instituições - ANFOPE, ANPAE, ANPED, CEDES, FORUMDIR, Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) e do Colégio de Pró-reitores de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior (COGRAD) - e profissionais da Educação buscando meios para resistir a ela. Isso porque se trata de um processo marcado pela falta de diálogo com entidades, educadores, educandos e sociedade civil, havendo em 2019 apenas uma audiência pública para discutir a então proposta de guinada na legislação de formação de professores e nenhuma consulta pública sobre o tema, por exemplo.

Trata-se de um ponto de inflexão quanto à Res. 02/15, até então balizadora para os cursos de licenciatura e de formação continuada de professores, mas que de outro lado representa um passo a mais dentro de um contexto de retrocessos da política educacional brasileira impulsionada nos últimos anos. A crítica não é à toa: considerada inclusive inconstitucional, a Res. 02/19 remete a um engessamento dos currículos das licenciaturas em função das exigências tanto de cargas horárias específicas quanto de conteúdos a serem abordados nos cursos, na sua imensa maioria relacionados à instrumentalização dos licenciandos para execução da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O que tem ferido a autonomia das universidades públicas, conforme define a Constituição Federal de 1988.



CRÉDITO: REPRODUÇÃO/FACULDADE APOGEU

Para a Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação (ANFOPE, 2020), tais diretrizes e a BNC-Formação empobrecem a qualidade da formação de professores, representam impactos nocivos sobre a Educação Básica e um grave retrocesso nas políticas educacionais".

Alguns pontos problematizados por entidades e educadores são estes: a dissociação entre formação inicial e continuada de professores; a desvalorização da profissão docente ao colocar sobre o professor a responsabilidade por seu próprio desenvolvimento; o professor como responsável pelo atual fracasso e futuro sucesso escolar dos estudantes; esvaziamento da formação científico-filosófica do professor; ênfase nas noções de competência e habilidade com foco no saber-fazer, entre tantos outros aspectos fartamente explicitados e desenvolvidos por diferentes educadores, instituições e entidades sobre a Res. 02/19-CNE e a BNC-Formação.

Ao contextualizar a implementação desta Resolução nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, percebe-se um processo contraditório frente ao projeto educativo defendido pelas organizações, movimentos sociais e populares do campo, das águas e das florestas. Na sua essência, os princípios e objetivos da Educação do Campo versam sobre um projeto educativo que tem o horizonte da transformação social e perpassa pela formação emancipadora e crítica de professores frente ao trabalho a ser realizado no âmbito da Educação Básica. Sendo assim, a defesa por uma formação humana crítica (que também se produz na escola), a partir da realidade dos territórios, torna-se inviável frente aos processos de padronização, controle e subalternização do trabalho educativo presente na Resolução nº 2/2019.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO (ANFOPE). Manifesto da ANFOPE em defesa da democracia. 2020. Disponível em: <http://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2020/03/1.-Manifesto-ANFOPE-em-defesa-da-educa%C3%A7%C3%A3o-e-da-democracia-01032020.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.